

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE MÚSICA

MUSICOTERAPIA:

Aspectos históricos e sua configuração na atualidade

São Luís
2014

CARLINDO SOARES GOMES FILHO

MUSICOTERAPIA:

Aspectos históricos e sua configuração na atualidade

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Música.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Verónica Pascucci

São Luís
2014

Gomes Filho, Carlindo Soares.

Musicoterapia: aspectos históricos e sua configuração na atualidade/ Carlindo Soares Gomes Filho. – São Luís, 2014.

42 f.

Impresso por computador (fotocópia).

Orientadora: Maria Verônica Pascucci.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Música, 2014.

1. Musicoterapia – aspectos históricos. 2. Música. I. Título.

CDU 78.03: 615.837

CARLINDO SOARES GOMES FILHO

MUSICOTERAPIA:
aspectos históricos e sua configuração na atualidade

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Música.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Verônica Pascucci

Aprovado em ___/___/_____

Prof^a. Dr^a. Maria Verónica Pascucci (Orientadora)
Doutorado em Educação
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof^a. Dr^a. Thelma Helena Costa Chahini
Doutorado em Educação
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dr. Ricieri Carlini Zorzal
Doutorado em Música
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

AGRADECIMENTOS

A minha família: meu alicerce de vida.

As mestres, que me ajudaram a compreender o que a música representa para os que sabem enxergar e absorver seu real valor.

A todas as pessoas que me ajudaram a chegar até este ponto.

“Águas me trouxeram...

*Águas cortando a terra carregam esperança
de ser mar.*

Levam tempo, levam sonhos...

Águas levam...

Águas passam...”

Carl Semgo

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar aspectos acerca da aplicação, da evolução e da repercussão da música na vida do homem, especialmente no que tange à sua utilização para fins terapêuticos, a partir de um levantamento de cunho bibliográfico, apresentando registros que contemplam elementos constitutivos, dados e fatos históricos, uso e aplicação da Musicoterapia - e a abrangência deste cenário - e, sobretudo, demonstrando o amplo espectro de benefícios que pode proporcionar ao ser humano.

Palavras-chave: Música. Musicoterapia. Benefícios.

ABSTRACT

This work aims to show aspects about the application, evolution and the impact of music on human life, especially with regard to its use for therapeutic purposes, from a survey of the available literature, bringing records that include constituent elements, historical data and facts, and the application of Musicotherapy - and the scope of this scenario – especially, demonstrating it provides a wide range of benefits to human health.

Keywords: Music. Musicotherapy. Benefits.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Euterpe: musa da Música	12
Figura 2	- Modos Gregos.....	15
Figura 3	- Mesa Lira: massagem sonora.....	28
Figura 4	- Mesa Lira: massagem sonora.....	29
Figura 5	- Funções Cerebrais.....	33
Figura 6	- Funções Cerebrais.....	34

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DA MÚSICA NA VIDA DO SER HUMANO.....	11
3	ASPÉCTOS HISTÓRICOS DA MUSICOTERAPIA.....	19
4	A ARTE DA MUSICOTERAPIA.....	25
4.1	A IDENTIDADE SONORA DO INDIVÍDUO, O PRINCÍPIO DO ISO....	30
4.2	A MÚSICA E O NOSSO CÉREBRO.....	32
4.3	ALGUMAS APLICAÇÕES DA MUSICOTERAPIA.....	35
4.4	DOS CENTROS DE FORMAÇÃO EM MUSICOTERAPIA.....	38
5	CONCLUSÃO.....	40
	REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Deparamo-nos, hoje, com uma realidade social agredida pela falta de cordialidade e gentileza, e pela banalização do valor da vida humana.

As relações sociais são diretamente afetadas pelo estresse, de largo espectro, que domina o dia a dia dos indivíduos, levando-os ao desgaste de suas capacidades e funções vitais. No geral, advêm daí as múltiplas formas de enfermidades que acometem as pessoas, levando-as à busca frenética por tratamento e, por consequência, por alívio e por cura.

É hoje tão grave a situação da saúde em nosso país que, apesar das políticas de governo, muitos fatores ainda atuam como impeditivo a que se ampliem os instrumentos de resgate e manutenção do pleno estado de saúde dos cidadãos.

Em tempos como este é de grande relevância dar nossa parcela de contribuição à sociedade em que vivemos.

A arte, de modo geral, é capaz de criar e exteriorizar sonhos e, a partir deles, mostrar que é possível transformar o mundo em um lugar melhor para se viver.

Desenvolver a compreensão e exaltar a importância da música na sociedade, pode levar o indivíduo a se deparar com uma nova realidade, e, a partir daí, passar a encarar a arte, e, conseqüentemente, a música, não só como uma fonte de aprendizado, mas também como uma opção real de desenvolvimento, inclusão sociocultural e promoção de saúde.

No campo da aplicabilidade da música como elemento terapêutico ainda há muito a ser estudado, muito a ser desenvolvido. Por isso, a oportunidade deste trabalho.

O conhecimento e a aplicabilidade da música em âmbito terapêutico podem proporcionar grandes benefícios a quem dela usufruir. Logo, professores, alunos, comunidade acadêmica e sociedade em geral, ao tomarem posse desse conteúdo, ainda pouco revelado, certamente contribuirão para uma melhor qualidade de vida do ser humano.

Diante do exposto, algumas perguntas surgem diante de nós: será que a música pode, de fato, influenciar a vida das pessoas? Como se dá esse processo? Em toda sua evolução histórica a música esteve presente, ativamente, no processo de formação e desenvolvimento das sociedades? A música é parte do indivíduo?

Pretendemos, com este trabalho, pesquisar a utilização da música com fins terapêuticos ao longo da História e nos aprofundar em alguns aspectos da Musicoterapia e sua utilização nos tratamentos de diversas deficiências e problemáticas nos dias atuais. Pretendemos trazer à luz mais informação e, assim, colaborar para o desenvolvimento do interesse acerca do conhecimento e da aplicação prática da música através dos meios adequados para aliviar e ajudar na recuperação de alterações do estado de normalidade e enfermidades, partindo do ponto de que a Musicoterapia trata da relação *som - ser humano - som*, bem como busca mostrar a estreita ligação entre a emoção e a música dentro de um processo psicoterapêutico, abrindo canais de comunicação no indivíduo, produzindo efeitos psico-profiláticos (BENENZON, 1988, p. 15).

Para alcançarmos nosso objetivo, faremos, no primeiro capítulo, uma reflexão histórica que ressalta a importância da música em todas as esferas da sociedade, bem como o descobrimento de sua aplicação para fins terapêuticos. No segundo capítulo, trataremos dos aspectos históricos da Musicoterapia, desde o seu surgimento até suas possibilidades e aplicabilidades para os dias atuais. No terceiro capítulo de nosso trabalho discorreremos sobre a Musicoterapia: os principais conceitos e teorias que norteiam esta profissão, assim como as possibilidades de aplicação, as linhas de pensamento, algumas ações já existentes, os principais centros de formação e os benefícios que a música pode trazer à vida do ser humano.

Buscamos, assim, contribuir com o embasamento e a consolidação da aplicabilidade da música em vários âmbitos de nossa sociedade, destacando seus elementos terapêuticos e redimensionando, a partir daí, sua utilidade.

2 A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DA MÚSICA NA VIDA DO SER HUMANO

Durante toda a história da evolução humana sempre existiu uma busca pela cura dos males do corpo, da alma e do espírito. Sempre norteadas pelas crenças disseminadas em cada período histórico, as noções e conceitos de saúde e doença foram se modificando e moldando com o passar do tempo.

A música sempre teve um papel fundamental na cultura e na vida de todas as civilizações, por isso, se faz oportuno um passeio por toda essa evolução da música através dos tempos.

Pensando na música da pré-história pode-se ter uma idéia da evolução da música nos primeiros grupos humanos, partindo dos estudos de sítios arqueológicos onde foram encontrados fragmentos importantes da arte rupestre, em cavernas, com figuras que parecem tocar instrumentos, cantar e dançar. Entretanto, mesmo levando-se em consideração todos os registros de que se tem conhecimento, ainda é tarefa difícil definir, com precisão, a cronologia do desenvolvimento musical da época.

É difícil afirmar com precisão, por exemplo, se a música vocal surgiu antes ou depois das batidas feitas com bastões ou com os movimentos corporais.

Roland de Candé (2001), em seu livro *História Universal da Música*, propõe uma sequência de eventos:

1) Antropoides do Terciário – surgimento das batidas com bastões e da percussão corporal.

2) Hominídeos do Paleolítico Inferior – ênfase nos gritos e na imitação de sons da natureza.

3) Paleolítico Médio – começa a se desenvolver o controle da altura, da intensidade e do timbre da voz humana. Este período culmina no desenvolvimento das demais funções cognitivas e no surgimento do *Homo sapiens*, há cerca de 70.000 anos.

4) Há cerca de 40.000 anos surgem os primeiros instrumentos musicais que imitavam os sons da natureza. É neste período que a linguagem falada se desenvolve e o canto começa a ganhar força.

5) Entre 40.000 anos e aproximadamente 9.000 a.C. – surgem os instrumentos mais trabalhados, feitos de pedra, madeira e ossos, a exemplo dos xilofones, tambores e flautas. Neste período, encontra-se um dos primeiros registros da arte musical na gruta de Les Trois Frères, em Ariège, França, que mostrava um homem tocando flauta ou uma espécie de arco musical. Pintura esta que teria sido produzida por volta de 10.000 a.C.

6) Neolítico – período a partir de 9.000 a.C., sugere a criação de membranofones, cordofones e os primeiros instrumentos afináveis, a partir do desenvolvimento e aprimoramento de ferramentas.

7) Cerca de 5.000 a.C. – era do desenvolvimento da metalurgia, que evidenciou a criação de instrumentos de cobre e bronze, com execução mais sofisticada. Surgem as primeiras civilizações musicais, com sistemas próprios de escalas, melodias e harmonias.

Já na civilização grega, a palavra música, *mousikê*, significa "a força das musas", em referência às ninfas que, de acordo com a mitologia, falavam aos homens sobre os deuses, semideuses e heróis, através do canto lírico coral, da dança e da poesia. Assim e dentro deste contexto, Clio era a musa da História, Thália era a musa da Comédia; Calíope era a da Eloquência; Erato, a da Poesia Lírica Amorosa ou Erótica; Polímnia, a do Hino Sagrado. Terpsícore, a da Dança, Urânia, da Astronomia e Astrologia; Melpômene, da Tragedia; e Euterpe a musa da Música (CANDE, 2001, p. 35).

Figura 1 - Euterpe: musa da Música



Para os Gregos a música tinha outra conotação, outro sentido muito mais amplo do que tem atualmente. A *Mousikê* era toda a cultura envolvida na arte e tratava da educação da alma, sempre presente nas manifestações culturais, nas festas, na religião e em todo o âmbito social do povo grego.

É lamentável que poucos documentos desse período tenham chegado até os nossos dias com exceção de alguns tratados teóricos escritos por filósofos gregos. Aristóxeno de Tarento escreveu em 320 a.C. um tratado científico sobre o ritmo, que ainda influencia o ensino da música até os dias atuais.

Para os gregos a música era tão importante quanto sua própria língua. Era a forma de expressão capaz de influenciar e modificar a natureza moral dos homens, exaltando as qualidades dos cidadãos, promovendo a ordem, reafirmando a dignidade, orientando a capacidade de decisões, mantendo o equilíbrio da vida em sociedade. Para Platão a música expressava as relações entre as progressões musicais e os movimentos da alma. As formas de expressão rítmicas, melódicas e poéticas eram determinadas por normas que conduziam o indivíduo à essência desses princípios. (CANDE, 2001, p. 38)

A Doutrina do *Ethos* tratava do equilíbrio dos componentes rítmicos, melódicos e poéticos e defendia que esta sincronia representava um fator determinante na influência da música sobre o caráter humano. A junção e a sincronia desses elementos é que determinavam a força e a influência da música sobre a formação do caráter do indivíduo. A doutrina do *Ethos* defendia que a música tinha o poder de agir diretamente sobre o estado de espírito das pessoas, induzindo à ação e fortalecendo ou enfraquecendo o equilíbrio mental (CANDE, 2001, p. 39).

No Estado grego a música se apresentava como um forte agente para a organização da sociedade, sendo que as regras eram estabelecidas e fiscalizadas pelo Estado, nunca ficando a critério dos artistas. A música era um requisito fundamental na educação de todos os cidadãos gregos, pois através dela se direcionava a conduta moral e social de cada indivíduo, preparando-o para cumprir o seu papel perante a sociedade. A música evidenciava a relação entre as progressões musicais e os movimentos da alma, tendo como principal função a busca do equilíbrio da alma (CARPEAUX, 2001, p. 57).

Para os gregos, a música colaborava no estabelecimento dos grandes princípios de sua estrutura social e política: os conceitos de concordância e

proporção, que eram a base de todas as manifestações éticas, estéticas e intelectuais. Sendo assim, todas as formas rítmicas, melódicas e poéticas deveriam ser determinadas pelas normas do Estado grego, devendo conduzir o indivíduo ao encontro desses princípios.

Os efeitos que a música causava sobre o comportamento humano se davam de quatro maneiras:

- a) Ethos Praktikón – Determinava a ação.
- b) Ethikón – Manifestava a força, o ânimo.
- c) Ethos Malakón ou Threnôdes – Provocava a fraqueza do equilíbrio moral.
- d) Ethos Enthousiastikón – Induzia ao êxtase e ao delírio, podendo ainda levar à inconsciência.

No que tange à relação entre o *Ethos* e os *Modos*, os gregos determinavam que cada modo era dotado de um *ethos* e sua identificação era baseada na distribuição dos intervalos contidos nos tetracordes, o que atribuía um caráter distinto a cada formação modal. Entretanto, a doutrina do Ethos não estava ligada apenas aos intervalos e tetracordes. Ela se relacionava também à qualidade de timbre dos instrumentos e às várias formas de composição associadas a esses instrumentos (BENNETT, 1988, p.13).

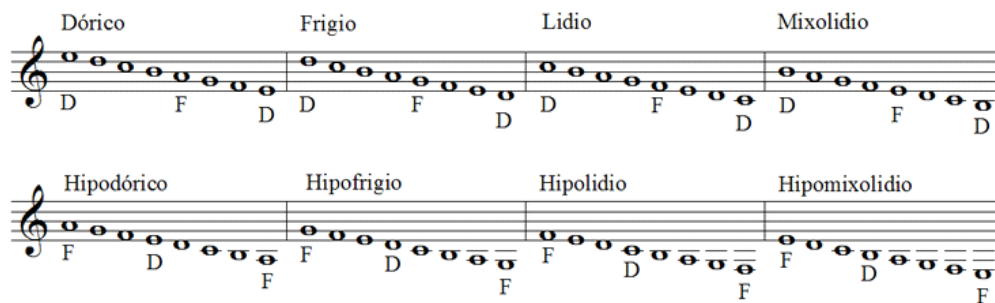
A harmonia dórica tinha o seu *ethos* diretamente ligado à firmeza e à austeridade, devendo ser capaz de manter o espírito firme diante dos desafios. A harmonia frígia, por sua vez, preservava o caráter moral e, segundo Platão, representava o equilíbrio e a temperança, sendo mais adequada a composições feitas para acompanhar a poesia épica e lírica. O modo frígio era bastante utilizado nas composições destinadas a honrar os deuses e eram mais adequadas em tempos de paz.

A harmonia lídia possuía um *ethos* triste, que induzia à embriaguez e à preguiça. Era chorosa e carregada de lamentação, assumindo um caráter trágico, o que, segundo Platão, a tornava inadequada para ser utilizada no Estado grego. A harmonia mixolídia também possuía um caráter emocional voltado para tragédias, sendo que o seu *ethos* era de caráter doloroso (CARPEAUX, 2001, p. 58).

É evidente que as relações entre a formação de cada uma dessas harmonias está ligada à formação dos tetracordes e suas relações de intervalos. Essas relações foram se ajustando no decorrer do tempo até atingir uma unidade. Daí vem a formação das chamadas harmonias derivadas: hipodórica, hipolídia e

hipofrígia, que se estabeleceram a partir da junção dos tetracordes. As harmonias mais antigas tiveram seu *ethos* conservado, enquanto as derivadas foram se modificando. Estas modificações tinham relação com o grau de tensão e com a afinação, sendo que as harmonias derivadas localizavam-se nas regiões mais agudas e, por conta disso, seu *ethos* foi se modificando em relação às harmonias originais (MED, 1996, p. 166).

Figura 2 - Modos Gregos



Modos Gregos

Fonte: http://es.wikipedia.org/wiki/Modos_griegos

Para Pitágoras (572-493 a.C.) a música deixava de ser um privilégio para se fazer indispensável na educação de todo homem livre, assumindo aspectos inesgotáveis de fonte de sabedoria. Ele também defendia a tese de que a música e a aritmética não deviam ser tratadas como disciplinas isoladas, pois, segundo o filósofo, os números eram a chave de todo universo espiritual e físico e regiam o sistema de sons e rítmicos musicais. Deve-se a Pitágoras a primeira lei física em acústica musical. Para os primeiros pitagóricos, a boa música é a expressão mais sensível das relações matemáticas que regem o mundo (CANDE, 2001, p. 42).

Cleônides, teórico grego, em meados do século II a.C. classificou a teoria musical grega em sete tópicos: notas, intervalos, gêneros, sistemas de escalas, tons, modulação e composição melódica. Aristóteles, por sua vez, apontou a música como a verdadeira representante das paixões e do estado da alma como a coragem, a ira, a calma, a temperança, bem como os seus respectivos opostos. Ele acreditava que se as pessoas ouvissem uma música inadequada, elas se tornariam más pessoas e se ouvissem músicas adequadas, encheriam seus corações e almas de sentimentos bons, tornando-se pessoas boas. Já neste período percebe-se,

claramente, a importância da música na sociedade e sua utilização com fins terapêuticos (CANDE, 2001, p. 43).

Platão e Aristóteles concordavam que poderia ser possível produzir pessoas boas através de um sistema público de educação, baseado em dois elementos fundamentais: ginástica e música (corpo e espírito). Entretanto, Platão defendia uma dosagem coerente para as duas coisas, pois, em sua concepção, excesso de música poderia deixar o homem afeminado e neurótico e a ginástica em demasia deixaria o indivíduo incivilizado, violento e ignorante.

Aristóteles, em contrapartida, em sua obra Política (330 a.C.), disse que a música poderia e deveria ser utilizada como fonte de divertimento e prazer intelectual, e não apenas na educação (CANDE, 2001, p. 45).

A música da Grécia era dividida em duas categorias: a primeira tratava da música que trazia efeitos de calma e elevação espiritual, associada ao culto de Apolo. A segunda categoria era a da música que suscitava a excitação e o entusiasmo, e esta era ligada ao culto a Dionísio.

Em 146 a.C. a região antes chamada Grécia se torna província romana e era ali onde os romanos iam buscar sua música erudita. Interessante é constatar que como na Grécia a música estava presente em todas as manifestações públicas, eventos particulares e na educação, o homem romano culto, segundo Cícero e Quintiliano, deveria saber música, além de falar e escrever em grego. Existem muitos registros que relatam concursos de música, descrevem a existência de coros e orquestras e exaltam os virtuosos célebres como Nero, que tinha fama de ser um grande músico (CANDE, 2001, p. 53).

Nos tempos de Horácio, os cantos acompanhados pelas cordas e por instrumentos de sopro eram presença constante nos templos de Vênus. Mais tarde, a música ocupou um lugar de destaque na vida pública e privada dos romanos, mesmo tendo eles pequeno apreço por esta arte em si. Os romanos valorizavam, de fato, a grande quantidade de instrumentos e os concertos monstruosos. Era comum ouvir pequenos fragmentos acompanhados por cem trombetas (CANDE, 2001, p. 54).

Os romanos defendiam que a ideia da melodia deveria ser diretamente ligada às palavras, principalmente no que tangia ao rítmico e à métrica. A música deveria conceber a arte como um sistema ordenado, indissociável da natureza, e com a força capaz de afetar o pensamento e a conduta do homem.

Dentre os vários filósofos e pensadores da Antiguidade Clássica e do início da cultura Romana podemos mencionar Plutarco (46 d.C.) e posteriormente Claudio Ptolomeu (90 – 168), considerado o último sábio da Antiguidade, que escreveu uma das mais importantes obras, à época, no âmbito da música: a *Harmónica*, ou *Teoria do Som*. Essa obra é um tratado sobre teoria matemática da música, na qual Ptolomeu escreve sobre como notas musicais poderiam ser traduzidas em equações matemáticas e vice-versa. A estes pensadores seguiram outros tais como Aristides Quintiliano (sec. III), Alípio (séc. IV), Santo Agostinho (354), Boécio (480) (CANDE, 2001, p. 61).

Dentre todos esses autores Boécio (480 – 526), escreveu um tratado de cinco volumes intitulado *De Institutione Musica*: uma síntese dos conhecimentos teóricos herdados dos gregos. Baseando suas ideias em Ptolomeu, Boécio estabeleceu três categorias musicais:

1) *Musica Mundana*: categoria que abrangia a música do mundo, ou seja, a música que traduzia a fonte da harmonia universal. A harmonia fundamental que determinava o deslocamento dos astros, o movimento dos elementos à sucessão das estações e também à música produzida pelas esferas no movimento concêntrico que realizam em volta da Terra, e que por força do hábito deixamos de perceber;

2) *Musica Humana*: a harmonia entre corpo e alma do ser humano, entre sua sensibilidade e sua razão, entre o sujeito cognoscente e o objeto conhecido. A sua capacidade de ter consciência e de buscar a harmonia com o mundo;

3) *Musica Instrumentalis*: a música que, por meio da arte, imitava a natureza.

Mencionamos até aqui autores que se destacaram por seus estudos na área da música, desde a Antiguidade temprana, passando pela Grécia tardia e entrando na cultura Romana e na filosofia dos primeiros cristãos. Já, na Idade Média, podemos destacar Guido D'Arezzo, entre os anos 990 – 1050, entre os teóricos da Idade Média que se concentraram em estudar estes tratados, com os mesmos princípios, sem acrescentar conhecimentos significativos ao desenvolvimento da música. Entretanto, alguns desempenharam um papel importante, histórica e didaticamente, aperfeiçoando a teoria e codificando o uso musical de seu tempo (CANDE, 2001, p. 67).

A partir do Renascimento, houve uma grande mudança na linha de pensamento que relacionava o homem com o mundo, isto é, considerava o homem não tão dependente e ligado à igreja e sim muito ligado aos seus próprios valores, bem como aos da natureza.

Podemos perceber que a utilização da música tanto para abordar algumas problemáticas do ser humano quanto para formá-lo e educá-lo já estava presente nos primórdios da Antiguidade Clássica e Romana. Essa concepção da música foi preparando o caminho para o que hoje conhecemos como Musicoterapia. Por isso, vimos neste capítulo que a música esteve presente na formação das primeiras sociedades e pudemos observar o princípio das abordagens e aplicações acerca das propriedades terapêuticas da música. Para entendermos melhor a conotação terapêutica da música, no segundo capítulo trataremos da evolução histórica da Musicoterapia.

3 ASPÉCTOS HISTÓRICOS DA MUSICOTERAPIA

Baseado no que foi exposto no primeiro capítulo, pode-se perceber como a música, desde a Antiguidade, exercia grande influência na formação do caráter do indivíduo. A partir daqui, trataremos da Musicoterapia e sua evolução histórica.

A influência da música no comportamento do homem, como já vimos, é conhecida desde a Antiguidade e foi tema de reflexão nas obras de vários filósofos gregos. Foram muitos os pensadores que seguiram essa linha de raciocínio. Ao longo do curso da História, passou-se a observar que a música perdeu o sentido religioso, levando a outras atribuições e benefícios. (CANDE, 2001, p. 45).

A música como ferramenta terapêutica pode ser percebida em civilizações como a da Babilônia, onde eram utilizados instrumentos de sopro e assobios para estimular a cura dos doentes mentais. Já os egípcios usavam a música para curar o corpo, acalmar a mente e purificar o espírito. O povo Hebreu utilizava-a para curar problemas físicos e mentais. Porém, é apenas na Grécia Antiga que se encontram os fundamentos científicos da Musicoterapia. (CANDE, 2001, p. 59).

Foi na antiga Grécia que apareceu uma atitude mais racional perante as doenças que acometiam o homem. A própria medicina baseou-se, até o século XVII, nos escritos gregos e nas ideias de Hipócrates, que é considerado a figura mais importante para o progresso da medicina grega e o responsável pela criação das bases de toda a medicina ocidental. Foi ele quem uniu as tendências metafísicas e naturais para explicar os fatos médicos, e foi quem mais utilizou-se do método experimental. Hipócrates acreditava que a doença era sempre de caráter psicossomático e representava uma desarmonia do estado natural humano, e a música, enquanto ordem e harmonia dos sons, atuava no restabelecimento do equilíbrio perdido. (CANDE, 2001, p. 61).

Na idade média o uso médico da música desaparece, mantendo-se apenas o seu caráter religioso.

No século XV ressurgiu a *Meloterapia* (denominação, à época, do tratamento médico feito através da música), que era integrada a medicina metafísica da época. Uma união da Filosofia, Astrologia e a Magia.

A partir do século XVI, os conceitos médicos da Magia são abolidos. Quem se destacou nesse século foi o do médico, músico e astrólogo suíço Paracelso (1493 – 1541). Também nesse século, a música ganhou notoriedade nos

casos que, nos dias atuais, se convencionaria chamar de psiquiátricos. A melancolia era a doença da época e o primeiro médico a observar os efeitos terapêuticos da música nos melancólicos foi o inglês Robert Borton (1577 – 1640) (CARPEAUX, 2001, p. 141).

O século XVII é o século da revolução industrial. Com ele vieram uma gama de modificações no estilo de vida e nas relações sociais. Nesse período os doentes mentais, as pessoas improdutivas e as consideradas perigosas passam a ser confinadas nos grandes sanatórios. A busca por terapias capazes de tocar o sensorial colocou a música em um lugar de destaque nas relações médicas daquela época. Foi nesse período que apareceram as primeiras obras inteiramente dedicadas à Musicoterapia, que consagravam a música como ferramenta fundamental no tratamento das doenças do campo psiquiátrico (CARPEAUX, 2001, p. 142).

No ano de 1749, Richard Brockhsby escreveu o primeiro tratado de Musicoterapia, apresentando diversos casos em que foram descritos os sintomas e causas da enfermidade, a história musical do paciente e a indicação de como utilizar a música no tratamento.

O início do século XIX é caracterizado pela evolução no tratamento das doenças mentais, graças as ideias do médico francês Phillippe Pinel (1745 – 1826), que defendia a utilização de um tratamento mais humano para os chamados “insanos”. Pinel defendia que, mesmo no alienado, existe uma parte sadia, que precisava ser preservada e desenvolvida. Para Pinel, a música doce e harmoniosa deveria ser utilizada nesse processo de tratamento, pois, segundo ele, poderia ser facilmente obtida nos asilos e hospícios que, em sua maioria, sempre abrigavam artistas e músicos. Segundo ele, a prática em instrumentos permitiria, aos ouvintes, uma diversão que substituiria as preocupações mórbidas. A prática do tratamento através da música começaria a difundir-se. Um grupo de respeitadas psiquiatras elaborou muitos textos e trabalhos discutindo o modo de utilizar a música terapeuticamente, bem como os resultados que poderiam ser alcançados, ressaltando o tipo de gênero musical e os instrumentos que poderiam ser utilizados, além do momento ideal para a prática dessa terapia durante o tratamento (CARPEAUX, 2001, p. 153).

Com o passar do tempo as ideias de Pinel sobre o tratamento moral foram perdendo força e se instalou a linha de repressão das ideias falsas. Os

alienados eram mantidos constantemente ocupados e a música passa ser utilizada como ocupação, sem perder o seu poder educativo e disciplinador.

Nos Estados Unidos, durante a II Guerra Mundial, experiências realizadas com os veteranos evidenciaram melhorias significativas relativamente a traumas físicos e psíquicos, assim como, na Argentina, a música também foi utilizada no tratamento da depressão decorrente da epidemia de poliomielite. A descoberta de uma disciplina que utilizava, com sucesso, o som para fins terapêuticos e profiláticos foi no mínimo intrigante, estimulando novas vertentes de estudos e pesquisas. A partir daí, no início do século XX, a Musicoterapia apareceu como disciplina.

Nasceu, assim, em 1944, na *Michigan State University*, o primeiro curso universitário de Musicoterapia. No entanto, com o aparecimento dos medicamentos químicos e a farmacologia, a Musicoterapia foi deixada em segundo plano, até à década de 1970, período em que o seu valor terapêutico voltou a ser reconhecido. Em 1985, foi criada a *World Federation of Music Therapy*, a única organização internacional dedicada ao desenvolvimento e promoção da Musicoterapia em todo o mundo (RUUD, 1990).

Em 1997, Peregrine Horden escreveu uma série de artigos baseados numa conferência do *Royal Holloway College*, da Universidade de Londres. Horden encontrou pequenas introduções para todas as seções históricas, demonstrando não só a visão histórica em detalhes, mas também conhecimento da atual (à época) situação da Musicoterapia.

Ao mesmo tempo em que Horden organizou seu simpósio sobre a história da Música e da Medicina, Penélope Gouk (1997), também em Londres, reuniu um grupo de eruditos em outro simpósio: *“Música, Cura e Cultura; a caminho de uma perspectiva comparativa”*.

Horden observa, ainda, que por um longo tempo a ideia de música como terapia foi sustentada apenas por algumas poucas e básicas suposições. Na teoria do carácter, por exemplo, cada modo da música pode induzir uma resposta específica ao seu ouvinte. Depois, há as teorias médicas sobre os quatro humores; que a “moléstia mental” é de origem somática; e finalmente que a mente pode impedir ou gerar dano à saúde. Essa última ideia reconhece que o tráfego psicossomático é de via dupla.

Lefant (1998) disse, ainda, que o objetivo da musicoterapia era alterar o comportamento do paciente para corrigir hábitos e atitudes que oferecem riscos à saúde de forma global.

Foram feitas várias publicações, durante o século XX, na área da Musicoterapia, com relatos de evolução dos casos bem sucedidos, descrição de procedimentos técnicos empregados e seus respectivos resultados. A partir disso, a Musicoterapia vem se difundido em inúmeras áreas de aplicação, no tratamento de deficiências sensoriais, na psiquiatria, na geriatria, e no combate às deficiências neurológicas e mentais.

Os críticos do século XX agruparam os textos dos teóricos da Musicoterapia em quatro grandes correntes:

- a) Baseia-se na corrente das ideologias pré-científicas e acredita que existe uma ordem cósmica, uma harmonia da natureza e do próprio homem, que é expressa e recuperada pela música.
- b) Parte do princípio de que todo homem possui uma espontaneidade criativa natural e que a medida que o tempo passa, vai perdendo essa espontaneidade e a potencialidade criativa, o que provoca perturbações mentais e transforma a música em ferramenta capaz de recuperar a espontaneidade natural perdida.
- c) Considera a música capaz de exercer uma influência globalizante sobre o ser humano, colocando as funções viscerais em pleno funcionamento, aguçando os sentidos, a imaginação, a recordação, a afetividade, a representação e linguagem.
- d) Considera a música um meio privilegiado de expressão dos sentimentos, das emoções e da capacidade afetiva.

Acredita-se, ainda, que a Musicoterapia tem se baseado em cinco suportes teóricos distintos:

1. A Psicanálise – Utiliza a música para liberar pulsões sexuais e agressivas reprimidas.
2. O Behaviorismo – Utiliza a música para eliminar associações inapropriadas.

3. Teoria Existencial-Humanista – Utiliza a música para ajudar o indivíduo a desenvolver seu potencial humano.

4. Teoria Interpessoal – Utiliza a música em situações grupais para desenvolver a capacidade de relacionamento e comunicação.

5. Teoria Sociológica – Objetiva desenvolver a capacidade do indivíduo para lidar com os problemas de uma sociedade que sempre está em constante transformação. Essa linha de pensamento sugere que é esta mesma sociedade que causa os distúrbios mentais no ser humano.

Rolando Benenzon (1998), em seu livro *Teoria da Musicoterapia*, afirma:

O ser humano não é corpo e mente ou corpo mais mente, nem psique e soma ou psique e alma, nem matéria e espírito; é um todo; e a Musicoterapia (que, praticamente, entre todas as modalidades médicas utiliza elementos abstratos que não se veem e que somente se percebem com o transcorrer do tempo) é a técnica que mais se dirige à totalidade do indivíduo (BENZON, 1998, p.15).

Even Ruud (1990), em seu livro *Caminhos da Musicoterapia*, levanta uma questão muito interessante sobre o enquadramento da Musicoterapia ao questionar se a mesma pode ser tratada como profissão de saúde ou se deve ser encarada apenas como um movimento cultural. E o que se observa é que a utilização da música com fins terapêuticos tem se apresentado cada vez mais frequente na maior parte do mundo, ao longo de toda a história.

Segundo Ruud, um dos primeiros conceitos sobre Musicoterapia, no decorrer da história, foi baseado na crença de que a música era uma ferramenta de reforço usual da mente humana e norteara-se no poder profilático usual da música. Essa teoria justificava a utilização da música enquanto terapia, dada a capacidade que ela tinha de atingir as esferas pré-intelectuais da mente (RUUD, 1990, p. 16).

Este levantamento histórico da Musicoterapia nos dá certeza de que em cada época distinta sempre houve alguém capaz de transformar as descobertas do pensamento filosófico e político em novas teorias, fundamentadas racionalmente, do uso da música como ferramenta de geração e manutenção de saúde. Como afirma Ruud: *A música está prestes a ser reconhecida como um instrumento valioso tanto em educação especial, assim como em algumas áreas de medicina somática* (RUUD, 1990, p. 13).

Isto nos leva a entender que a prática do uso terapêutico da música nunca esteve tão difundida, evidente e diferenciada.

Atualmente, a Musicoterapia não se baseia numa noção idealista sobre o ato de “curar” através da música. Neste tipo de abordagem toma-se como artifício a música ou seus elementos (ritmo, melodia, harmonia, som e silêncio) para tratar quadros de desequilíbrios ou disfunções do organismo humano de forma fundamental ou paliativa. Assim, seus efeitos terapêuticos resultam de uma aplicação profissional sistêmica.

Para compreendermos melhor estes aspectos da Musicoterapia e sua aplicabilidade, abordaremos no capítulo seguinte o “fazer” musicoterápico propriamente dito.

4 A ARTE DA MUSICOTERAPIA

Algumas pessoas têm a música como profissão. Outras a buscam como refúgio visto ser uma expressão ímpar de sentimentos e sensações capazes de fazer relaxar e gerar satisfação e bem estar a quem busca o sentido e a beleza encontrados nas notas e frases de uma canção.

Ouvir boa música traz paz. Traz à tona sentimentos diversos capazes de transportar o ouvinte para uma dimensão que o aproxima àqueles com quem mantém laços de afetividade, como amigos e família, levando-o a percepções no âmbito espiritual ou incentivando-o à reflexão. É uma terapia, em todos os sentidos. E para o corpo todo.

Por definição, de acordo com a Federação Mundial de Musicoterapia (WFMT):

A Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia), por um musicoterapeuta qualificado, em um processo sistematizado, buscando facilitar e promover a comunicação, o relacionamento, a aprendizagem, a mobilização, a expressão e a organização de processos psíquicos de um ou mais indivíduos, oferecendo-lhe(s) a recuperação de suas funções, o desenvolvimento de seu potencial cognitivo e a geração de qualidade de vida (WFMT, 1996).

Partindo deste pressuposto, não seria devaneio então afirmar que uma mãe quando nina um filho doente, ou quando um jovem dança ao som de sua música preferida, estão, mesmo que instintivamente, usando a música como terapia. Segundo Benenzon: *Falar de Musicoterapia é pensar em uma série de metodologias e diferentes técnicas a serviço da comunicação* (BENZON, 1998, p. 25).

Pode-se imaginar e concluir que os dias atuais carecem de mais sentimento e que a existência humana clama por mais arte. Arte esta que não está só nos teatros, nas salas de cinema, e nem nos palcos. A arte que tratamos aqui é a arte do fazer bem ao ser humano. A arte de ajudar ao próximo. De poder transformar situações adversas. De contribuir para a formação de um mundo melhor. Referimo-nos aqui a arte da vida e o fazer da vida uma obra de arte.

Nosso cérebro reage de forma muito natural à música. É só ouvir e já se bate o pé acompanhando o ritmo, ou de pronto nos encontramos a cantarolar a melodia. Tão somente isso já é suficiente para mudar o “astral”, melhorar o humor,

aumentar a disposição e fazer agir um antidepressivo instantâneo, que é a música. Pode ocorrer o fenômeno contrário: uma música pode nos deixar violentos ou deprimidos ou angustiados.

Ouvir música é ativar a mente, estimulando a criatividade, a produtividade e a inteligência. Aumenta os níveis de concentração e atenção, melhorando o estado de espírito e de humor. A música é um redutor de ansiedade e stress, reorientando o foco de problemas, dores, tensões, podendo se transformar em ferramenta de promoção da saúde.

Estudos e pesquisas já comprovaram que ouvir música pode, ainda, ajudar o ser humano na reabilitação física, no tratamento contra insônia, no combate aos efeitos de terapias intensivas, podendo até contribuir na diminuição da quantidade de sedativos e analgésicos durante e depois de uma intervenção cirúrgica, e, por consequência, diminuir o tempo de permanência de um paciente em um hospital, isto só para citar apenas alguns exemplos.

Estudos realizados em prestigiadas instituições, especialmente dos Estados Unidos da América, fornecem dados significativos acerca do uso da música com efeito terapêutico, em grupos de pacientes submetidos a tratamento em unidades hospitalares. Alguns casos servem como subsídios aos propósitos deste trabalho:

1. Num hospital de Nova Iorque, a um grupo de 20 pessoas, entre homens e mulheres, situados na faixa de 51 a 87 anos de idade, submetidos a processo cirúrgico, foi oferecido escolher músicas que quisessem ouvir durante o procedimento. A outro grupo de 20 pessoas, em condições de idêntico procedimento, e na mesma faixa de idade, não foi oferecido tal recurso. Verificada a pressão arterial dos pacientes, ambos os grupos apresentaram “níveis de ansiedade elevados”, antes da realização do ato cirúrgico. Tal circunstância se manteve durante todo o procedimento apenas naquele grupo que não ouviu música, no grupo que ouviu música, após cerca de 5 minutos do início da intervenção, regularizara-se a pressão arterial para níveis considerados normais, evidenciando-se, assim, os benéficos efeitos da terapia utilizada.

2. Em outra unidade hospitalar americana, numa ala de cuidados intensivos, pacientes “ventilados” que ouviam músicas escolhidas apresentavam sempre níveis de relaxamento satisfatórios, quando comparados a outros, que não faziam uso da terapia.

3. Na Stanford University of Medicine, estudo envolvendo 20 pessoas acometidas por depressão, situadas entre 61 e 86 anos de idade, durante 8 semanas, utilizou os recursos da Musicoterapia aliada a exercícios de relaxamento, servindo-se de metodologia idêntica àquela aplicada no hospital de Nova Iorque. Com efeito, ao final, o grupo de pessoas submetido às sessões de Musicoterapia e relaxamento apresentou “melhorias significativas”, comparados os resultados obtidos com aquelas pessoas submetidas apenas ao tratamento convencional adotado para depressão.

Como se percebe, são insuspeitos os bons resultados obtidos com a Musicoterapia.

Nos Estados Unidos, no ambiente empresarial, já se utiliza a musicoterapia como tratamento anti-stress de funcionários, visando à criação de um ambiente mais tranquilo e a um aumento na produtividade e no desempenho.

No Brasil, entretanto, a Musicoterapia ainda não é tão difundida e, por consequência, utilizada. Há ainda muitas discussões sobre a regulamentação da profissão e muitas barreiras impostas por parte dos profissionais da área médica, pelas empresas farmacêuticas e pelos hospitais.

Na contramão deste conjunto de obstáculos está o Centro de Musicoterapia Benenzon Brasil (CMBB), localizado em São Paulo-SP. Fundado em 2006 pelos musicoterapeutas Wanderley A. Junior e Luisiana França Passarini, é um espaço para atendimento, estudos e pesquisa em musicoterapia, com uma equipe formada por bacharéis e pautada no Modelo Benenzon.

Com uma estrutura física especialmente montada para atender a demanda dos serviços oferecidos, o Centro tem como prioridade ser referência nacional em musicoterapia, oferecendo excelência na qualidade dos serviços prestados e alta capacitação profissional de sua equipe.

Segundo o modelo adotado, todos os seres humanos têm um histórico sonoro-musical que inicia sua formação ainda no útero materno e vai se combinando e completando até o fim da vida. O trabalho do musicoterapeuta consiste em descobrir esse histórico e utilizá-lo para estabelecer um vínculo terapêutico com a pessoa que necessita de ajuda.

Os terapeutas utilizam a música, em suas diversas ramificações, para estimular o autoconhecimento e o equilíbrio psicológico de pacientes acometidos pelos mais diversos tipos de dificuldades e enfermidades.

O propósito da terapia musical, neste caso, é agir dentro de uma perspectiva de busca de saúde, na construção de recursos de combate às enfermidades e no auxílio da construção do bem estar do sujeito.

As sessões podem durar de 45 minutos a uma hora dependendo da necessidade do paciente, podendo acontecer em grupo individualmente.

Uma das alternativas terapêuticas utilizadas no Centro de Musicoterapia é a massagem sonora, que é aplicada sobre um instrumento chamado Mesa Lira e consiste no relaxamento do corpo, a partir do som emitido pelas cordas provocando a sensação de massagem, sendo indicada principalmente no tratamento de crianças e de deficientes auditivos.

Figura 3 - Mesa Lira: massagem sonora



Fonte: <http://espacoacasadamusica.blogspot.com.br/2010/01/massagem-sonora.html>

Figura 4 - Mesa Lira: massagem sonora



Fonte: <http://equilibriummassagens.blogspot.com.br/2011/12/massagem-sonora.html>

É evidente que a Musicoterapia no Brasil não se resume a apenas este centro de pesquisa e atuação. No Instituto de Medicina Física e Reabilitação, do Hospital das Clínicas, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, existe um setor que atua na área da Musicoterapia. A Área de Musicoterapia foi criada pela musicoterapeuta Maristela Smith, que também é a coordenadora do setor. Segundo Maristela, “já se sabe que a atividade musical envolve quase todas as regiões do cérebro, e por isso a música é capaz de influenciar não só o estado mental, mas também o estado físico do paciente”. A terapeuta afirma ainda que o corpo humano tem a tendência de seguir o ritmo ouvido, tanto em velocidade quanto em altura e intensidade.

Em seu depoimento, ela defende ainda que, conseqüentemente às observações anteriores, os sons podem afetar diretamente as frequências cardíaca e respiratória, a pressão arterial, a contração muscular e o ritmo metabólico, além de agir diretamente em todos os estímulos sensoriais.

Segundo Maristela, o método também já vem sendo utilizado, e com excelentes resultados, no combate ao câncer, atuando na redução do stress e da

ansiedade, e trabalhando junto às funções emocionais do organismo e aos circuitos neurais responsáveis pela diminuição da dor crônica.

No Hospital da Criança e no Hospital São Lucas, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o trabalho com música trouxe uma melhoria de mais de 70% no estado de ânimo das crianças internadas na ala de Oncologia Pediátrica. É o que revela uma pesquisa feita nas duas instituições e coordenada pela musicoterapeuta Maria Helena Rockenbach. Segundo ela, a música exerce uma influência imensa sobre o cérebro humano, principalmente junto ao sistema límbico, que é a unidade responsável pelas emoções e sentimentos no cérebro.

Em verdade, alguns profissionais da área defendem que os sons podem contribuir no fortalecimento do sistema imunológico como um todo, visto que a música envolve a capacidade mental, emocional, física, fisiológica e social do indivíduo, podendo ser recomendada no tratamento de quase todas as doenças.

A possibilidade que uma determinada música tem para atingir uma região ou outra do cérebro está ligada diretamente à quantidade de prazer e satisfação que podem ser alcançados no ato de ouvir. Dito isso, os teóricos e especialistas defendem que para se alcançar um resultado satisfatório com o processo musicoterápico é necessário, antes, traçar uma *Identidade Sonora do Indivíduo*, a chamada *ISO*.

4.1 A IDENTIDADE SONORA DO INDIVÍDUO, PRINCÍPIO DE *ISO*.

Do grego *ISOS* (igual), o princípio de *ISO* é um conceito totalmente dinâmico que resume a noção de existência de um som, ou um conjunto de sons, ou de fenômenos acústicos e de movimentos internos, que caracterizam ou individualizam cada ser humano (BENENZON, 1998, p. 34). Este princípio está sempre em movimento dentro do inconsciente do homem, estruturando-se com o transcorrer do tempo, desde as primeiras vivências sonoro-vibratórias durante a vida intra-uterina, passando pelas experiências vividas durante o parto e se enriquecendo durante toda a vida.

O *ISO* é um elemento dinâmico, que trabalha na potencialização da força de percepção do homem, e está diretamente ligado à toda experiência de vida do mesmo.

O ISO Gestáltico, que encontra suas plenas funções no inconsciente e que parte do pressuposto de que o indivíduo não percebe um conjunto de sensações elementares, mas sim uma sensação de totalidade.

O ISO Cultural opera no pré-consciente do indivíduo e com o passar do tempo, elementos vão sendo enxertados. São esses aspectos culturais que vão compor o histórico desse ser humano, passando de geração para geração. Isso implica em dizer que o *ISO Cultural* é parte do mosaico genético do indivíduo.

Benenzon nos coloca que:

O ISO Cultural é o produto da configuração cultural global da qual o indivíduo e o seu grupo fazem parte; é a identidade sonora própria de uma comunicação de homogeneidade cultural relativa, que corresponde a uma cultura ou subcultura musical e sonora, manifestada e compartilhada (BENENZON, 1998, p. 35).

O *ISO Universal* é uma estrutura dinâmica sonora, que caracteriza ou identifica todos os seres humanos, independentemente dos seus contextos sociais, culturais, históricos e psicofisiológicos (BENENZON, 1998, p. 35).

Neste contexto, os batimentos cardíacos, com suas particularidades rítmicas, sonoras e de movimento, os sons da respiração e o fluxo sanguíneo, por exemplo, compõem o *ISO Universal*.

Tanto o *ISO Universal* quanto o *ISO Cultural* vão se enriquecendo com o decorrer do tempo, à medida que absorvem características do meio em que o indivíduo está inserido, no transcorrer do processo evolutivo.

O *ISO Grupal* é a identidade sonora de um grupo humano, produto das afinidades musicais latentes, desenvolvidas em cada um dos seus membros (BENENZON, 1998, p. 36).

Sendo assim, é possível perceber que o *ISO Grupal* está diretamente ligado ao conceito de identidade étnica de um povo. A identidade cultural ou étnica é inseparável da identidade sonora (*ISO*). A construção dessa identidade depende dos processos de aprendizagem da própria cultura e da manutenção ou mudança dessas normas culturais. O *ISO Grupal* opera no pré-consciente do indivíduo (BENENZON, 1998, p. 36).

Em seu livro *Teoria da Musicoterapia*, Benenzon trata ainda de mais uma identidade sonora (*ISO*). Trata-se de uma estrutura dinâmica temporal chamada *ISO Complementar*.

O *ISO Complementar* estrutura-se temporalmente devido às pequenas mudanças que produzem a cada dia, efeito das circunstâncias ambientais específicas ou psicológicas do indivíduo (BENZON, 1998, p. 36).

Em contrapartida às outras identidades sonoras, o *ISO Complementar* dura momentos, ou seja, pode aparecer e desaparecer sem reunir ou resumir características identificatórias.

4.2 A MÚSICA E O NOSSO CÉREBRO

Estudos sobre a ação e os efeitos biológicos do som e da música no ser humano sugerem que a energia muscular responde diretamente ao ritmo proposto, alterando a regularidade da respiração, atuando na variação da pressão sanguínea, reduzindo a fadiga, provocando, ainda, mudanças no metabolismo. A música age estimulando funções cognitivas e da memória, mantendo a capacidade de percepção, concentração, bem como a articulação da linguagem.

A respeito disso, Benenzon determina que:

Considerando que o tálamo é a área onde chegam as sensações e emoções que ocorrem em um plano não consciente, pode-se dizer que, mediante um ritmo musical, podemos condicionar uma resposta inconsciente automática (BENZON, 1998, p. 22).

Ele defende que as respostas sensoriais do ser humano são instantâneas aos estímulos musicais e se dão em vários níveis, como o do tálamo, o nível cortical e no subcortical. Benenzon explica que o ritmo e a melodia são atributos do homem e dos animais, pois as duas coisas se dão a nível subcortical, enquanto a harmonia, produto intelectual, só se dá a nível cortical, sendo atributo exclusivo do homem. Também é citado pelo autor que é na passagem do tálamo ao cortex que os elementos musicais e sonoros sofrem inibições e desdobramentos ainda desconhecidos (BENZON, 1998, p. 22).

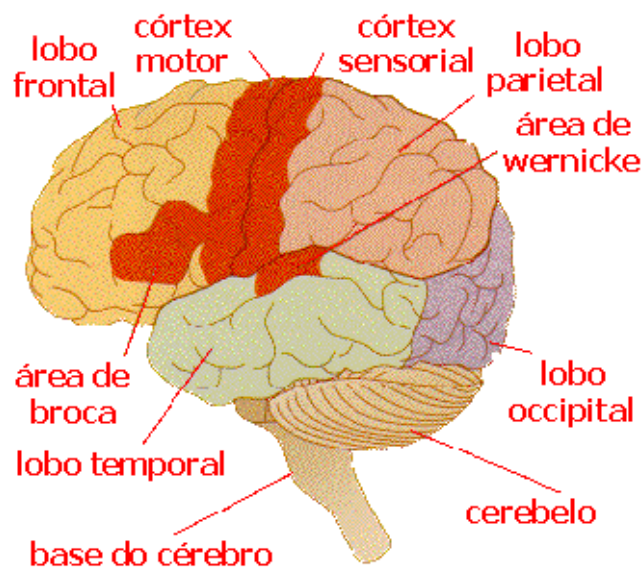
Há regiões especializadas em memorização dos sons e determinados ritmos e timbres sonoros no cérebro do ser humano. Algumas têm a função de armazenar somente a linha melódica de uma canção, e o conjunto destas áreas formam a memória sonora, que reconhece a música, identificando-a através da função cognitiva.

A área cerebral onde se dá o reconhecimento do que ouvimos é a região do córtex, mais exatamente o córtex temporal do hemisfério direito do cérebro. A execução de melodias e a capacidade de executar e cantar a música também são atributos desta região do cérebro. Já o ritmo e os intervalos são processados na região do lobo temporal e frontal.

A compreensão da música se dá no hemisfério esquerdo, assim como a capacidade de composição e escrita da música. O conjunto destas ações sistêmicas é que faz a música ter tanta semelhança com a linguagem, visto que as duas atuam de forma parecida com seus conjuntos de signos e regras de composição estrutural e lingüística.

A seguir, algumas imagens que mostram diferentes regiões do cérebro e as funções ligadas a elas.

Figura 5 - Funções Cerebrais



Fonte: http://creativeideias.blogspot.com.br/2013_09_01_archive.html

Figura 6 - Funções Cerebrais



Figura 2

Fonte: <http://www.novamente.pt/o-que-e/>

Baseados na observação das imagens acima podemos compreender a intrínseca relação existente entre as diferentes áreas do cérebro e as funções ligadas a elas. Também existe uma íntima relação entre as funções, sabemos, por exemplo, que quando uma delas é lesionada outra pode assumir a função deteriorada.

Ainda, segundo Benenzon:

Um som pode produzir uma resposta matriz: andar, correr, marchar, dançar, ou uma resposta emotiva: chorar, rir, emoções, ou uma resposta orgânica: rubor, secreções diversas, descontração, ou uma resposta de comunicação através da própria expressão sonora ou de alguma expressão do contexto não-verbal (BENZON, 1998, p. 23).

Isto nos faz perceber a relação de resposta imediata que um determinado som – ou o conjunto deles – pode trazer ao nosso organismo, que é sensível a quase todos os estímulos externos.

É necessário dizer que existem também outros sons, não audíveis conscientemente, mas nem por isso menos importantes e estimulantes aos sistemas de percepção do nosso organismo. Estes sons provocam impacto no inconsciente do indivíduo, burlando os mecanismos de defesa. São os infra-sons, que estão

numa faixa de frequência abaixo dos 20 Hz, abaixo da faixa audível do ouvido humano, que está entre 20 Hz e 20.000 Hz.

A todo instante ouvimos música; às vezes, o dia todo. Sejam aquelas tocadas no rádio do vizinho, ou as tocadas na sala de espera dos consultórios, ou ainda, as que se ouve dentro do ônibus, no celular de um passageiro. Não passamos um dia sem ouvir música, mesmo que involuntariamente. E existem músicas para todos os momentos do dia, para todo tipo de atividade. Há sempre música disponível.

Em sua obra *A Descendência do Homem e Seleção Sexual*, o pai da Teoria da Evolução, Charles Darwin, afirmou que a música determina até a escolha de parceiros sexuais, pois influi e está diretamente ligada ao comportamento entre homens e mulheres. Ele sugeriu que a arte havia sido criada com o simples objetivo de chamar a atenção do parceiro sexual que nos interessava. É claro que essa ideia desagrada muitos teóricos e até muitos artistas, mas é um ponto de vista a se considerar (DARWIN, 2003, p. 228).

Darwin defendia que a música mais complexa e melodiosa teria sido um artifício criado por parceiros masculinos menos favorecidos em aspectos como força física e estatura, para conseguir seduzir as fêmeas.

Cientistas mais enquadrados nos dias atuais não se rendem às ideias de Darwin, pois segundo eles, essas ideias não explicam a verdadeira influência da música na vida do ser humano, de forma coerente e significativa. Hoje, defende-se que os sons e a música são fatores de extrema relevância na organização das sociedades, despontando como pilar da comunicação e da vida em grupo

A expressão musical serve, entre outras coisas, para extravasar as emoções que o ser humano não consegue transmitir somente com a fala, tendo relação com todos os períodos históricos, e está enraizada na vida em sociedade. A música, além de traduzir sensações, faz o cérebro funcionar melhor, ativando todas as regiões onde se ativa a nossa capacidade de sentir.

4.3 ALGUMAS APLICAÇÕES DA MUSICOTERAPIA

Cada pessoa tem, em sua história de vida, um conjunto de sons e músicas que foi constituído no transcorrer dos seus dias. É um conjunto único, como uma impressão digital. Cabe ao musicoterapeuta tomar conhecimento e acessar

estes elementos, a fim de resgatar situações vividas que, posteriormente, poderão ser utilizadas no desenvolvimento de potencialidades e na determinação de uma linha de trabalho e atuação.

A música, com suas propriedades terapêuticas, pode ser aproveitada em diversos setores, segmentos e camadas de nossa sociedade. Buscando a melhor qualidade de vida, ao longo de todo o decorrer da vida. Pode-se dizer também que a musicoterapia pode assumir um belíssimo papel tanto nos primeiros anos quanto nos áureos dias da fase adulta. Para a terceira idade, por exemplo, a musicoterapia se apresenta como uma ferramenta de expressão, que pode ser utilizada em diversos contextos e no auxílio à cura de muitas enfermidades. Seja no âmbito social ou no ambiente de reabilitação, a música pode atuar na estimulação de ações físicas, sensoriais, psicológicas e motoras, tendo no próprio corpo do paciente a principal ferramenta de comunicação com o mundo.

No campo da psiquiatria a música age abrindo canais de comunicação em pessoas com perturbações e/ou deficiências mentais, danos cerebrais, autismo, problemas de dissociação de sentimentos, inibições, retrações e diversos outros tipos de lapsos de personalidade.

Benenzon afirma ainda que *A utilização de técnicas de Musicoterapia durante a gravidez, parto e primeiro ano de vida destina-se a prevenir posteriores alterações emocionais e de conduta* (BENENZON, 1998, p. 14).

Através de técnicas de musicoterapia durante a gestação, pode-se ajudar a mãe na descoberta, no reconhecimento e no fortalecimento do vínculo com o seu filho, aumentando a capacidade comunicativa entre a mãe e o feto. (BENENZON, 1998, p. 31).

Esta abordagem permitirá um parto mais tranquilo e um bom relacionamento durante os primeiros anos de vida da criança. É a música agindo antes da causa e do efeito, uma ação universal, contribuindo para o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade.

Para se beneficiar da música e seus efeitos terapêuticos não há necessidade alguma de se entender absolutamente nada de teoria musical. Não seria preciso saber cantar, nem saber tocar um instrumento. O simples ato de ouvir e deixar a música fluir já seria o bastante para se perceber os primeiros benefícios ao corpo, à mente e ao espírito. A Musicoterapia é um tratamento aberto a todas as

peessoas, sem restrição a classe, idade, ou condição física. Só se fazem necessários o emissor e o receptor para que a comunicação e a ação aconteçam.

Este processo de tratamento através da música pode se desenvolver por vários contextos metodológicos e vias de ação. Podem ser do tipo receptivo, quando o musicoterapeuta toca ou canta músicas para o paciente. Este direcionamento é mais indicado a pacientes que possuam alguma dificuldade motora, por exemplo. Entretanto, na maior parte dos casos, a musicoterapia se dá de maneira ativa, com o próprio paciente agindo no processo, cantando, tocando ou dançando junto ao profissional que lhe auxilia.

O musicoterapeuta interage com os pacientes de acordo com os objetivos que queira alcançar com o trabalho. Estes objetivos norteiam a aplicabilidade e os métodos que irão ser utilizados. O paciente pode improvisar ou criar a partir de algo que já lhe foi apresentado, ou pode haver um processo inverso estimulando a criatividade do paciente, com o terapeuta interpretando, posteriormente, as músicas produzidas durante as sessões.

Há também uma linha de profissionais que prefere utilizar apenas as improvisações, sem uma conexão contextualizada com canções já pré-definidas ou selecionadas. O objetivo, neste caso, não seria interpretar e sim focar na improvisação e criação do paciente, sem se prender muito ao sentido que se possa obter.

Ponto norteador de todo esse processo, o musicoterapeuta necessita ter domínio e proficiência em alguns instrumentos, bem como contextualização musical e levar em consideração as habilidades que lhes são necessárias. São inúmeras as possibilidades de instrumentos que podem ser usados nesta ação, como o violão e o piano/teclado, todavia os especialistas defendem que, pelo menos no início do tratamento, os terapeutas dêem preferência à utilização de instrumentos de percussão, pela facilidade que eles assumem no estabelecimento do vínculo entre o paciente e o musicoterapeuta, além do fácil manuseio e transporte.

Sobre a utilização de instrumentos Benenzon afirma que *quanto mais primitivo for o instrumento em sua construção e em seu material, mais perto estará do ideal musicoterapêutico* (BENZON, 1998, p. 79).

Finalizando este item ressaltamos ainda que o devido efeito da música em um paciente está diretamente associado à sua história de convivência com determinados estilos musicais que lhe são familiares. Um paciente habituado à

música erudita responderia instantaneamente e melhor a este estilo musical. Uma intervenção terapêutica poderia vir associada, ainda, ao trabalho interdisciplinar que engloba varias outras técnicas e terapias, como a psicologia, a psicopedagogia, psiquiatria, fonoaudiologia, terapia ocupacional e tantas outras técnicas que pode contribuem para o melhoramento do quadro geral do paciente.

Não se utiliza apenas o fato de ouvir música no proceso de Musicoterapia. O som é trabalhado de maneira mais ampla, levando-se em consideração sua relação com a concepção de movimento, visto que podem-se obter respostas motoras e sensitivas através do canto, dos sons dos instrumentos, da voz e do efeito de resposta que os sons causam no próprio corpo.

4.4 DOS CENTROS DE FORMAÇÃO EM MUSICOTERAPIA

O musicoterapeuta é responsável por conduzir o processo musicoterápico. Sua formação pode ser oriunda de um curso de graduação em Musicoterapia, ou adquirida por especialização oferecida aos profissionais das áreas de música e saúde, como músicos, professores de música, médicos, psicólogos, etc., sendo que em alguns países a musicoterapia é parte integrante de uma formação em Arteterapia, que por sua vez envolve, além de música, técnicas de artes plásticas, teatro e dança.

Hoje, já existem muitas opções de cursos, universidades e instituições que atuam na formação do musicoterapeuta no Brasil. Dentre elas destacam-se:

- a) Conservatório Brasileiro de Musica – Bacharelado e Pós-Graduação Lato Sensu em Musicoterapia. Rio de Janeiro-RJ.
- b) Faculdade Darcy Ribeiro – Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Musicoterapia.
- c) Faculdade de Artes do Paraná – Bacharelado em Musicoterapia.
- d) Faculdade de Ciências Humanas Olinda – Pós-Graduação Lato Sensu e Especialização em Musicoterapia.
- e) Faculdades Integradas Olga Metting – Pós-Graduação Lato Sensu em Musicoterapia. Salvador-BA.

- f) Faculdade EST – Bacharelado em Musicoterapia. São Leopoldo-RS.
- g) Universidade Federal de Goiás – Bacharelado e Pós-Graduação Lato Sensu em Musicoterapia.
- h) Universidade Federal de Pelotas – Pós-Graduação Lato Sensu em Musicoterapia.
- i) Universidade Federal de Minas Gerais – Curso de Música com Habilitação em Musicoterapia.
- j) Universidade Federal do Piauí – Pós-Graduação Lato Sensu em Musica e Musicoterapia.

É evidente que o musicoterapeuta precisa ter uma formação que abrange conhecimento de teoria musical, habilidade na execução de instrumentos percussivos, harmônicos e melódicos e canto, assim como uma intimidade com alguns métodos de educação musical, como Orff ou Kodály, dentre outros, e ainda noções de expressão artística, corporal, teatral, além de conhecimentos sobre psicologia, anatomia, fisiologia e neurologia.

Embora nossa realidade social e educacional esteja um pouco aquém do ideal, universidades, centros de estudos e pesquisadores em geral estão imbuídos da tarefa de levar a formação do musicoterapeuta a graus cada vez mais avançados e a aplicabilidade da música como terapia a níveis cada vez mais especializados.

5 CONCLUSÃO

A realização deste trabalho nos permitiu lançar um olhar em algumas culturas da Antiguidade e perceber a enorme importância que se dava à música nas mesmas. Pudemos perceber, também, o quanto a música estava atrelada à formação do ser humano e o quanto ela poderia influenciar e modificar determinados estados de consciência.

Pudemos nos aprofundar, também, em algumas características da Musicoterapia, seu embasamento histórico e suas contribuições na atualidade onde ela é reconhecida como terapia e utilizada no tratamento direto ou coadjuvante de diferentes problemáticas, doenças e deficiências.

Assim, podemos afirmar que este trabalho nos enriqueceu, ampliando o âmbito dos nossos conhecimentos a respeito da música e sua influência na vida das pessoas.

Podemos concluir, então, que a Música é arte e ciência de combinar os sons de modo agradável à audição. É estímulo; fonte de prazer, de enlevo, de aprendizado; opção real que pode conduzir ao desenvolvimento pessoal, fomentar a inclusão sociocultural e, também, promover o bom estado de saúde. É arte que cura! É arteterapia. Neste campo de atividade humana, da arteterapia, muito ainda há a ser estudado, conhecido e desenvolvido, de modo a ampliar os benefícios que podem ser oferecidos para aplicação prática e, assim, contribuir com o bem estar das pessoas.

A arte é uma forma requintada de mostrar as mais nobres qualidades que possuímos. É uma maneira que o homem encontrou para se destacar intelectualmente por sua capacidade de criação e interpretação.

Fazer arte é uma forma de nos elevar a um outro plano, a um outro “mundo”. A arte é porta de ir ao encontro da divindade, ao Grande Cosmos, à Luz. A arte é a elevação para o Bem e para o Bom.

A música é Arte! E a Musicoterapia é a Arte de Fazer o Bem.

REFERÊNCIAS

- CANDE, Roland De. **História Universal da Música**. Vol. 1. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.
- CARPEAUX, Otto Maria. **O Livro de Ouro da História da Música**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- BARCELLOS, L. R. M. **Cadernos de musicoterapia 1**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.
- BENEZON, Roland. **Teoria da Musicoterapia: contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal**. 3ª Ed. São Paulo: [s.n], 1998.
- BENNETT, Roy. **Uma Breve História da Música: Cadernos de Música da Universidade de Cambridge**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- BRUSCIA, Keneth E. **Definindo Musicoterapia**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**. Porto: Lello & Irmão, 2003.
- FREDERICO, Edson. **Música - Breve História**. São Paulo: Irmãos Vitale, 1999.
- FREGTMAN, Carlos Daniel. **Corpo, Música e Terapia**. São Paulo: Cultrix, 1989.
- FUX, María. **Dança-terapia**. São Paulo: Summus, 1982.
- HEMSY DE GAINZA, Violeta. **Estudos de psicopedagogia musical**. São Paulo: Summus, 1988.
- JACOB, Fernanda D. **O corpo em movimento: Um estudo sobre o movimento corporal e sua utilização no processo musicoterapêutico**. 2002. Trabalho de conclusão de Curso (monografia) – Faculdade de Música - FAP. Curitiba, 2002.
- LEINING, Clotilde. **Tratado de Musicoterapia**. São Paulo: Sobral Editora, 1977.
- LORENZZETTI, Chiara. **A relação som e movimento no auxílio do desbloqueio das couraças neuromusculares de caráter**. 2001. Trabalho de conclusão de Curso (monografia) – Faculdade de Música - FAP. Curitiba, 2001.
- _____. A musicalidade das teorias corporais. In: **Volpi, J. H. & Volpi, S. M. (org)**. Revista Psicologia Corporal. Curitiba: Centro Reichiano, vol. 5, 2004.
- LOVELOCK, William: **História Concisa da Música**. Tradução de Álvaro Cabral. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MASSIN, Jean & MASSIN, Brigitte. **História da Música Ocidental**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1997.

MED, Bohumil. **Teoria da Música**. 4ª Ed. Brasília: Musimed, 1996.

MOURA COSTA, Clarice: **O despertar para o outro: musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1989.

_____. **Música e Psicose**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2010.

NISENBAUM, Esther. **Prática da Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1990.

PASCUCCI, M. Verónica. **Som, Música e Silêncio: Reflexões**.2005. Dissertação (mestrado em Música) – Universidade de Brasília, Brasília,D.F, 2005.

QUEIROZ, Gregório P. **A música compõe o homem, o homem compõe a música**. São Paulo: Ed. Pensamento, 1990.

RUUD, Even. **Caminhos da Musicoterapia**. São Paul: Summus, 1990.

SOUZA, Ubiraci L. **Musicoterapia aplicada à Psicopedagogia**. São Paulo: [s.n], 1997.